

Gerdau espera redução da taxa de juros

Da sucursal de PORTO ALEGRE

O diretor-presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johanpetter, alertou ontem, em Porto Alegre, que as medidas anunciadas pelo governo para conter a inflação e reequilibrar a economia só terão êxito se, além de cumpridas à risca — a começar pelo controle dos gastos governamentais —, forem complementadas pela redução efetiva das taxas de juros.

Em entrevista coletiva, a convite dos repórteres econômicos da capital gaúcha, o empresário disse que as decisões adotadas na última reunião do Conselho Monetário Nacional "são um instrumento para melhorar o problema do balanço de pagamentos e um processo para diminuir a inflação". Todavia, ressaltou, "para a pequena e média empresas e o consumidor, o elemento mais importante para a reativação da economia talvez seja a redução das taxas de juros. As outras decisões tomadas na redução sobre importações e as medidas estabelecidas para o setor de expansão dos meios de pagamento são, de certo modo, restritivas e é, então, importante que surja uma medida compensatória, que pode ser a redução dos juros", acrescentou.

GASTOS DO GOVERNO

Essa redução, segundo Jorge Gerdau Johanpetter, será fundamental para que o Brasil possa tentar manter, em 1983, o mesmo desempenho econômico

dos últimos meses deste ano. Será imprescindível, também, em sua opinião, que as decisões já anunciadas não sofram qualquer desvio. A questão do controle dos gastos governamentais, por exemplo, "não tem sido o forte do governo nos últimos anos". "A máquina governamental cresceu enormemente nestes anos e, realmente, a sociedade tem de rediscutir a questão, para procurar dimensionar o Estado à sua realidade, à realidade econômica, e procurar evitar dar encargos ao Estado que, eventualmente, a sociedade poderia assumir. Existe possibilidade de o governo controlar seus gastos, mas é um esforço enorme. Eu acredito que o governo se vem aprimorando gradativamente nesse sentido, e isso será importante, porque o plano (de reajuste da economia), só terá sucesso se, realmente, houver uma redução desses gastos".

Ainda comentando as últimas decisões do Conselho Monetário Nacional, Jorge Gerdau Johanpetter disse acreditar ser possível, com elas, reduzir a inflação para cerca de 70% em 1983. Quanto à outra previsão do governo, de atingir um superávit de US\$ 6 bilhões na balança comercial no próximo ano, o empresário gaúcho mostrou-se cético: "O importante é buscar de qualquer forma um superávit. Agora, se esse número será alcançado ou não, é bastante difícil prever, porque está muito mais condicionado à evolução dos preços das 'commodities'. Consequentemente, devemos observar um pouco mais, para ver se realmente esse número é possível de atingir".

RECURSO AO FMI

O diretor-presidente do grupo Gerdau comentou, ainda, a ida do País ao FMI, salientando que o Brasil não teve opção: "O País ficou com dificuldades no fluxo de entrada de recursos financeiros e teve de apelar ao Fundo Monetário Internacional, que realmente é o instrumento para tentar reequilibrar o sistema financeiro. Para o Brasil continuar vivendo dentro do sistema financeiro internacional, para que os banqueiros internacionais continuassem a sustentar as nossas necessidades de poupança internacional, o Brasil teve de buscar o apoio do FMI".

Gerdau explicou que, com os recursos do FMI, o Brasil tentará "conseguir que as dívidas de curto prazo possam ser remontadas dentro de um fluxo de amortizações de médio e longo prazo, para que a pressão de caixa de curto prazo seja aliviada". "Esse é o principal fator para que o sistema financeiro internacional possa continuar financiando e apoiando o nosso desenvolvimento", destacou.

O aspecto negativo do apelo ao FMI, segundo o empresário, é que a política interna do Brasil tenha de ser condicionada às regras do Fundo: "Negociar sob pressão, sem autonomia política, é sempre desagradável. Entretanto, Gerdau ressaltou que, se as medidas do FMI "são desagradáveis, são também absolutamente realistas". Além disso, "como essas regras (do FMI) são bastante clássicas para o ali-

nhamento e correção dos desequilíbrios econômicos, as nossas autoridades já se vinham aproximando bastante delas, de modo que as modificações não são tão grandes em relação àquilo que já vinha sendo feito".

Indagado sobre as vantagens ou desvantagens de uma renegociação ampla da dívida externa brasileira, ou a declaração unilateral de moratória sugerida por opositoristas, o diretor-presidente do grupo Gerdau afirmou: "De certo modo, nós já estamos tendo uma renegociação ou uma negociação da dívida. Com os principais banqueiros, já está se debatendo claramente o perfil da dívida e o estabelecimento de um fluxo financeiro que diminua a pressão de caixa a curto prazo. Sob o aspecto da moratória, não considero que seja a solução, porque o importante é o País se adaptar a uma realidade econômica internacional. E uma moratória não seria nada mais do que uma postergação desse processo".

Por outro lado, o empresário gaúcho mostrou-se favorável à manutenção da semestralidade nos reajustes salariais, mas defendeu modificações no aspecto da produtividade: "Este ponto tem de ser redebatido, porque a economia, o consumidor como um todo não tem condições de pagar uma produtividade acima daquela que realmente está acontecendo. Os produtos não podem incorporar, ano após ano, cumulativamente, produtividade que na realidade não existe. A produtividade deve ser paga em proporção à sua realidade".